USO DE FÁRMACOS ATUAIS NO TRATAMENTO DA DOENÇA DE ALZHEIMER: EFICÁCIA E LIMITAÇÕES

Autor(res)

Waleska Cristina Arruda Dias
Joao Victor Rodrigues De Amorim

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIC | PANTANAL

Introdução

A Doença de Alzheimer (DA) é uma enfermidade neurodegenerativa progressiva, caracterizada por perda de memória, declínio cognitivo, alterações comportamentais e comprometimento funcional, configurando-se como a principal causa de demência em idosos. Sua prevalência crescente em escala global a torna um desafio de saúde pública, com forte impacto social, econômico e familiar (Carvalho et al., 2016).
Do ponto de vista fisiopatológico, o que é sabido até então é que a Doença de Alzheimer envolve o acúmulo de placas de -amiloide, emaranhados neuro fibrilares de proteína tau, estresse oxidativo e neuro inflamação mediada por citocinas, culminando em degeneração neuronal progressiva (RESENDE; BRAND, 2023; MACHADO; CARVALHO; ROCHA SOBRINHO, 2020). Além desses mecanismos, fatores genéticos, metabólicos e ambientais modulam o desenvolvimento e a evolução clínica da doença (BITTENCOURT; MÜLLER, 2021; BEZERRA et al., 2023).
Infelizmente, apesar do avanço no conhecimento sobre biomarcadores e potenciais alvos moleculares, os tratamentos disponíveis permanecem limitados, oferecendo apenas alívio sintomático parcial e incapazes de frear a progressão do quadro. (Twarowski et al., 2023).
Tal cenário impõe a necessidade de investigar abordagens terapêuticas farmacológicas e não farmacológicas inovadoras, com vistas a ampliar a eficácia clínica e a qualidade de vida dos pacientes.

Objetivo

Realizar uma análise crítica sobre as estratégias atuais e emergentes para a DA, incluindo fármacos consolidados, terapias imunológicas, metabólicas e intervenções não farmacológicas e a partir disso destacar sua eficácia, limitações, efeitos adversos e impacto sobre a cognição e qualidade de vida.

Material e Métodos

Foi realizada uma revisão bibliográfica entre 2008 e 2025 com os descritores “Alzheimer”, “evolução terapêutica”, “tratamentos atuais farmacológicos” e “estratégias inovadoras”.
Os artigos selecionados buscaram comparações entre eficácia, limitações e efeitos adversos dos tratamentos farmacológicos, além de mapeamento de tendencias como imunoterapia, agentes antidiabéticos, moduladores inflamatórios e estratégias comportamentais.

Essa abordagem permitiu integrar evidências consolidadas e perspectivas inovadoras, compondo um panorama abrangente sobre o manejo clínico da DA em tratamentos atuais, bem como possíveis avanços na área geriátrica.

Resultados e Discussão

Entre os fármacos aprovados para a Doença de Alzheimer (DA), destacam-se os inibidores da acetilcolinesterase (Donepezila, Rivastigmina e Galantamina) e o antagonista NMDA (Memantina). A associação entre AChEIs e Memantina apresenta efeito estabilizador sobre a deterioração cognitiva. Tentativas com inibidores da e -secretase foram desenvolvidas para reduzir a deposição de -amiloide, mas seu uso mostrou-se limitado devido aos efeitos adversos. Nesse contexto, o pinitol, atuante sobre a -secretase, demonstrou reduzir placas -amiloide em doses de 2 mg/dia, embora ainda faltem dados consistentes sobre sua segurança (SRIVASTAVA et al., 2020).
Nesse mesmo cenário de busca por terapias inovadoras, a imunoterapia desponta como alternativa promissora. Vacinas formuladas com fragmentos de -amiloide têm como objetivo estimular a produção de anticorpos capazes de evitar a formação de placas senis. Apesar do potencial teórico, tais estratégias permanecem restritas a fases experimentais. Outro fármaco em investigação é a latrepiridina, um anti-histamínico que visa proteger as mitocôndrias contra processos inflamatórios, embora sua eficácia clínica ainda esteja em avaliação.
No campo das abordagens metabólicas, observa-se crescente interesse em substâncias capazes de atuar sobre vias inflamatórias e oxidativas. A insulina, por exemplo, apresentou efeito neuroprotetor relevante, associado à melhora da cognição e da memória, além da modulação de respostas anti-inflamatórias (TWAROWSKI et al., 2023). De modo complementar, o reconhecimento da neuroinflamação como elemento central na fisiopatologia da doença motivou estudos com anticorpos monoclonais anti-TNF, como o adalimumabe, que demonstraram reduzir a destruição neuronal e a atividade da -secretase. A talidomida, por sua vez, também atua na inibição do TNF-, apresentando efeito anti-inflamatório e maior afinidade com a barreira hematoencefálica em comparação aos anti-inflamatórios não esteroides (TWAROWSKI et al., 2023).
Paralelamente, medicamentos de uso consolidado em outras condições vêm sendo explorados como alternativas adjuvantes. Entre eles, destacam-se os agentes antidiabéticos, como a metformina, que têm demonstrado ação neuroprotetora, retardando processos inflamatórios e o estresse oxidativo. Já os anti-inflamatórios não esteroides, como ibuprofeno e diclofenaco, exibem potencial no controle da inflamação; contudo, sua utilização em idosos deve ser realizada com cautela, em razão dos riscos adversos (TWAROWSKI et al., 2023).
Além das terapias farmacológicas, as intervenções não farmacológicas representam um campo essencial no manejo da DA. De acordo com Carvalho et al. (2016), a terapia de reminiscência, que envolve atividades como visualização de fotos, orientação espacial e temporal, leitura, cálculos simples e arteterapia, mostrou-se eficaz na melhora da qualidade de vida dos pacientes. Aliadas a essas práticas, as atividades físicas, sobretudo aeróbicas, contribuem não apenas para benefícios cardiovasculares e metabólicos, mas também para o aumento do fluxo sanguíneo cerebral e da neuroplasticidade. Nesse contexto, a irisina — hormônio liberado durante o exercício — desponta como molécula de interesse, por seu potencial anti-inflamatório e neuroprotetor.
Finalmente, deve-se considerar que muitos pacientes com Alzheimer apresentam sintomas psiquiátricos, como agitação, alucinações e depressão, os quais exigem estratégias específicas de manejo. Inibidores seletivos da recaptação de serotonina, como citalopram e sertralina, mostraram eficácia na redução da agitação associada à depressão (NAYLOR et al., 2024). Em contrapartida, nos casos de agressividade e alterações comportamentais mais intensas, frequentemente recorre-se a neurolépticos atípicos, como o Haloperidol. Todavia, seu emprego deve ser criterioso, considerando os riscos cardiovasculares em idosos e os efeitos extrapiramidais que acompanham esta classe farmacológica (FEITOSA et al., 2024).

Conclusão

A análise evidencia que, apesar de avanços pontuais, não há terapias modificadoras da Doença de Alzheimer disponíveis. Fármacos clássicos oferecem apenas controle sintomático, enquanto estratégias inovadoras, embora promissoras, carecem de validação clínica robusta. Intervenções não farmacológicas destacam-se como coadjuvantes eficazes, reforçando a necessidade de abordagens multidimensionais e de estudos clínicos controlados.

Referências

BEZERRA, J. D. et al. Fatores neurobiológicos envolvidos na Doença de Alzheimer. Recima21 – Revista Científica Multidisciplinar, v. 4, n. 12, p. 1–15, 2023.

BITTENCOURT, M. F.; MÜLLER, N. V. Biomarcadores gliais da Doença de Alzheimer. Clinical and Biomedical Research, v. 41, n. 1, p. 34–45, 2021.

CARVALHO, Paula Danielle Palheta; MAGALHÃES, Celina Maria Colino; PEDROSO, Janari da Silva. Tratamentos não farmacológicos que melhoram a qualidade de vida de idosos com doença de Alzheimer: uma revisão sistemática. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 65, p. 334–339, 2016.

FEITOSA, Davi et al. Avaliação dos diferentes tipos de tratamento farmacológico da doença de Alzheimer: revisão integrativa. Revista Coopex, v. 15, n. 2, p. 5035–5050, 2024.

MACHADO, A. P. R.; CARVALHO, I. O.; ROCHA SOBRINHO, H. M. Neuroinflamação na Doença de Alzheimer. Revista Brasileira Militar de Ciências, v. 6, n. 15, p. 1–9, 2020.

NAYLOR, Renata et al. Experiências de terapia de estimulação cognitiva (TCS) no Brasil: um estudo qualitativo com pessoas com demência e seus cuidadores. Envelhecimento e Saúde Mental, v. 28, n. 2, p. 238–243, 2024.

RESENDE, A. C. G.; BRAND, C. Os impactos da neuroinflamação na Doença de Alzheimer. Clinical and Biomedical Research, v. 43, n. 2, p. 1–9, 2023.

SRIVASTAVA, S. et al. Nanoemulsão de memantina: uma nova abordagem para o tratamento da Doença de Alzheimer. Journal of Microencapsulation, v. 37, n. 5, p. 355–365, 2020.

TWAROWSKI, Bartosz; HERBET, Máriola. Processos inflamatórios na Doença de Alzheimer – patomecanismo, diagnóstico e tratamento: uma revisão. Revista Internacional de Ciências Moleculares, v. 24, n. 7, p. 6518, 2023.